

Entrevista com Prof. Dr. Agustí Andreu i Tomàs

Autores: Dagoberto Bordin (UFSC)
Alicia Norma González de Castells (UFSC)
Simone Lira da Silva (UFSC)
Tradução: Dagoberto Bordin (UFSC)

Resumo

Dr. Agustí Andreu i Tomàs é professor do Departament d'Antropologia, Filosofia i Treball Social de la Facultat de Lletres-Universitat Rovira i Virgili (Tarragona-Espanya). Entre dezembro de 2011 e fevereiro de 2012, o NAUI teve o prazer de contar com sua presença em atividades de pesquisa e ensino promovidas pelo núcleo. Professor Agustí vem estudando, há algum tempo, museus de guerra. Durante sua estada no Brasil, a convite da UFSC, ele visitou vários museus do Contestado. Nesta entrevista, realizada em 22 de fevereiro de 2012, ele nos fala sobre sua experiência com museus de guerra e ecomuseus e nos fornece um panorama sobre a situação da museologia que encontrou no Brasil.

Palavras chaves: guerra do contestado, museu, museologia

NAUI – Museus vêm sendo teu objeto de pesquisa há um bom tempo. Qual a tua primeira lembrança de um museu?

Agustí – Não comecei na antropologia pelos museus, mas trabalhando com grupos de pescadores. Eu morava a 80 quilômetros da universidade onde fui estudar e um dos primeiros professores de antropologia que tive, José María Cardona Comellas, porque era obrigatório naquele tempo fazer um trabalho de campo, me disse “Por que não estudas os pescadores das lagoas do Delta do

Ebro?”. Elas ficam próximas da minha casa, em Tortosa (sul da província de Tarragona).

Antes da tese doutoral, havia uma tese de licenciatura e a minha foi sobre aqueles pescadores. Para responder mais concretamente, meu interesse por museus ocorreu porque, quando fui estudar os pescadores, naquele momento eles tinham criado um parque natural na área, e o diretor do parque propôs que eu trabalhasse com ele. Então, ao fazer isso, comecei a mexer com documentação bibliográfica, mas também com questões relativas ao patrimônio de um parque natural. A partir daí passei a estudar patrimônio etnológico. A maioria dos parques naturais franceses tem ecomuseus. O diretor do [Parque Natural do Delta do Ebro](#) conhecia estas experiências e tinha intenção de criar também um ecomuseu para preservar o patrimônio e, como eu sou antropólogo, trabalhei com ele.

NAUI – Na tua cidade natal havia museus?

Agustí – Na minha cidade não havia museus. Agora vão criar um museu de história da cidade e ele será inaugurado dentro de uns meses. A diretora é técnica e fez um curso de pós-graduação sobre gestão cultural e patrimônio comigo. Ela vem da arqueologia.

NAUI – No artigo que escreveste para a revista *Ilha*, fazes um histórico dos museus desde o século 17 até agora. Um dos museus de que tu falas e que pareceu-nos muito particular foi o [Museu das Civilizações da Europa](#). Como é que estaria representada neste museu a Espanha, por exemplo, que contém, já, em seu território tantas diferenças étnicas. Como se pode constituir uma identidade europeia no meio de tantas diversidades?

Agustí – Também não sei. Na verdade, conforme Martine Segalen (SEGALLEN, Martine. 2005. *La vie d'un musée 1937-2005*. Paris: Stock), vão ser criados três museus sobre a Europa. Só um deles já está funcionando, os outros dois ainda não. Temos que pensar que ideia da Europa têm estes museus e levar em conta que a unidade da Europa começou por motivos econômicos, a Comunidade Econômica Europeia; numa segunda etapa, começou uma

unificação política, há hoje uma Constituição Européia. Temos, portanto, uma unificação econômica, unificação política e, definitivamente, a idéia que está por trás desses museus é chegar à unidade de identidade cultural européia, afinal os museus são financiados por instituições européias. É um momento de prospecção para ver que elementos da cultura podem servir de base para esta identidade europeia.

NAUI – Tua viagem pelo Brasil começou há três meses. Por onde tens andado e o que tens observado neste teu roteiro. 🗺️

Agustí – No primeiro mês, fiquei em Florianópolis e, basicamente, trabalhei na Casa de Memória, da [Fundação Franklin Cascaes](#). Também colaborei com a professora Alicia (Alicia Norma González de Castells) numa visita de trabalho ao Morro Mont Serrat. Depois, logo chegou o réveillon, muita gente, muito turismo, aproveitei para ir ao Vale do Contestado, porque venho trabalhando na Espanha em acervos e museus relacionados com o conflito bélico da Guerra Civil Espanhola, na Europa chamam de “turismo de memória”. Então, queria buscar aqueles lugares que tinham a ver com os conflitos, uma espécie de turismo em busca desses lugares, com os desastres, com a guerra, pois quando vim para Santa Catarina já cheguei com a consciência de que aqui tinha tido esta Guerra do Contestado no começo do século e era um dos aspectos que me interessava estudar. Visitei a maioria dos museus que há sobre o Contestado e pude perceber os usos sociais que se fazem desta guerra, atualmente. Estive por todo o Vale do Contestado. De volta a Florianópolis, quis ter contato com os ecomuseus. É um aspecto, uma especialidade que me interessa também muito. Visitei o ecomuseu de [Ribeirão da Ilha](#), o da Univali, em Porto Belo, e fui a Blumenau, para conhecer o [Ecomuseu Dr. Agobar Fagundes](#). Haveria um quarto ecomuseu, segundo o Cadastro de Museus do Brasil, mas fica quase na fronteira com a Argentina e então não fui. Logo depois, chegou o Carnaval, surpresa muito agradável, pensei em ir para Porto Alegre, para conhecer o Museu do Centro Universitário Ritter dos Reis, Museu das Águas de Porto Alegre, mas acabei ficando e tive contato com Os Protegidos da Princesa, que contaram a história do Contestado

no Carnaval. É a escola de samba mais antiga de Florianópolis, que fez este ano homenagem aos 100 anos do Contestado: alegorias, os carros, os símbolos, as fantasias, a letra da música, tudo diz respeito ao Contestado.

NAUI – Acabaste mergulhando neste universo.

Agustí – Sim, aprendi o que é samba, o que é o Carnaval, eu não sabia nada, foi uma experiência muito agradável. Me trataram muito bem, tive muitas facilidades, assim como também no Vale do Contestado, as pessoas me acolheram muito bem. Eu cheguei e não conhecia ninguém, desde que comecei a viagem por Fraiburgo e arredores. As pessoas são encantadoras.

NAUI – Isso num momento em que estamos em conflito diplomático com a Espanha. O governo brasileiro começou a aplicar o “princípio de reciprocidade” com relação aos espanhóis que querem entrar no Brasil e aumentaram as exigências. As autoridades começaram a devolver turistas espanhóis.

Agustí – Soube de um caso de dois turistas que voltaram para a Espanha, vi que há um problema, mas tenho estado tão absorto em meu trabalho, no Carnaval (risos), que acabei não me inteirando sobre o assunto.

NAUI – Não tiveste dificuldade com nossa língua?

Agustí – As pessoas, se não me entendem ou se eu não entendo, voltamos a perguntar, sem problemas.

NAUI – Outra coisa que chama atenção em teu artigo é esta evolução que houve no conceito de museu, de coleções, do que é civilizado e do que é bárbaro. Hoje em dia é perigoso lidar com fronteiras tão nítidas. Os ecomuseus se disseminam, mas o que mais há? O Franz Boas falava que o objetivo do museu é representar uma cultura e não colocá-la num determinado estágio de civilização, hierarquizá-la. Como vão ser os novos museus nas novas cidades? 🌐

Agustí – É um pouco complicado porque teríamos que diferenciar entre museus locais e museus nacionais. A estratégia é diferente. O local trabalha

com o patrimônio que há em um território. Neste momento, na Europa, em um mesmo território, há culturas diferentes. Antes o problema era que a cultura diferente estava longe daqui, os museus de antropologia eram museus exóticos no sentido que continham peças que eram de outras culturas. Eles hoje têm que se abrir ao leque de culturas que há em seu próprio território. Por isso desde os anos 80, no Canadá, e desde os anos 90, na Europa, tem surgido umas denominações novas de museus que têm esta visão holística do território, que seriam os museus de civilizações, no Quebec, e a ideia dos museus de sociedade, na Europa, museus que trabalhariam toda a diversidade cultural de um determinado território, sem excluir nenhum. Um dos melhores que há é o [Musée Dauphinois \(Dauphinois Museum\)](#), em Grenoble (França), até ano passado sob a direção de Jean-Claude Duclos (Museo de la Resistencia de la Deportación de Isère, França). Num mesmo território, são representadas as diversas culturas que existem dentro dele para evitar esta distinção que falávamos antes sobre bem-civilizado, mal-civilizado, o daqui, o de fora. O problema dos museus mais velhos é a temática da identidade porque normalmente são os museus que querem trabalhar uma identidade. Me refiro à Catalunha, onde há museus territoriais e alguns como o Museu de História da Catalunha – que pretende ser de toda a Catalunha. O problema é determinar qual visão de identidade catalã têm estes diretores destes museus. Temos que representar também os contatos com outras culturas.

NAUI – No Brasil, também, que identidade deve ser representada? A identidade do rico, do dominante. Temos muitas diferenças sociais.

Agustí – A quantidade e qualidade do material que se coleta sobre uma categoria social e outra também variam enormemente. De uns grupos tens muito e de outros, nada. Estive em Fraiburgo, é um povoado de uns 50 anos de existência, e lá fizeram um desfile que se chama “Desfile das Potencialidades”. Nele, se representavam o passado, o presente e o futuro. Naquele momento, me dei conta de uma coisa: os primeiros a desfilar eram os caboclos, logo vinham as famílias de portugueses, italianos e alemães. Num museu em Curitiba, outro dia, falando com uma das funcionárias, ela comentou que fez

um trabalho sobre Montecarlo, um povoado que fica ao lado de Fraiburgo e que vem do tempo ainda em que havia indígenas e negros. Eles não estavam no desfile, isto é, num desfile para mostrar a identidade de Fraiburgo se escondem os negros e seus quilombos. Em muitos museus, são omitidas determinadas identidades.

NAUI – Esta “crise de identidade” dos museus, se eles representam ou não uma identidade, isso tem a ver com questões das sociedades complexas, digamos. Como se pode entender um museu de território, justamente *na* cidade? 🗺️

Agustí – É complicado, porque pelo menos no caso da Europa nas cidades se fazem os grandes templos, sua visão territorial não abarca o fenômeno urbano, quase sempre são feitos na capital e, portanto, sua visão é nacional. É o caso da Catalunha. O [Museu Nacional de Arqueologia](#), o [Museu Nacional de História](#), eles nos explicam não a cidade de Barcelona, mas a arqueologia e a história da Catalunha. Eles fragmentam o patrimônio. Num território pequeno, todo o patrimônio fica debaixo de um mesmo teto, a menos que haja um museu de arte, mas é o máximo da distinção que se faz. Patrimônio é um instrumento de desenvolvimento de um território, do ponto de vista econômico, mas também cultural, do ponto de vista da educação, de muitas outras coisas. Ali não faz sentido fragmentar. Quando o museu se instala nas grandes cidades um deles só se ocupa de uma parte do patrimônio, o histórico, outro do patrimônio etnológico. Cada um trabalha de costas para as outras disciplinas.

NAUI – Podemos pensar então em musealização das áreas periféricas, como já há no Rio de Janeiro, com o [Museu da Maré](#)?

Agustí – A minha experiência, sobretudo na Catalunha, na Espanha, vai neste sentido. A maioria dos museus trabalha com patrimônio autóctone, museus periféricos, comunitários, como nos Estados Unidos, desde os anos 60. Também são ligados a questões de imigrações, questões de alfabetização, educação. Na Europa, ainda não há muitos museus nesta linha, alguns acabaram se relacionando com os grupos de migrantes que vêm, é a lógica em

que são inseridos aqueles museus de etnologia do século 19 e começos do século 20, que trabalham o patrimônio etnológico, exótico, que teriam patrimônios de outras culturas. Agora, como estas outras culturas já convivem conosco, estes museus se converteram em pontos de diálogo cultural e de relação intercultural, como o [Museu Etnológico de Barcelona](#), [Musée du Quai Branly](#), em Paris, que mostram relações interculturais, quando antes o que faziam era mostrar estágios evolutivos.

NAUI – A temporalidade é outra, quando entramos em contato com as comunidades subalternas.

Agustí – E também temos que levar em conta o contexto das comunidades periféricas em cada lugar da Europa e no Brasil, Santa Catarina.

NAUI – Tu vieste com uma série de expectativas ao Brasil. Poderias falar um pouco sobre o que viste em termos de museologia e tuas impressões sobre como desenvolvemos nossos próprios museus? 🗣️

Agustí – Creio que haja um problema na formação das pessoas que trabalham nos museus. A impressão que tenho – não sei se é assim ou não – não é que não haja gente formada, há. Mas as pessoas que estão nos museus públicos estão ali por outros motivos... Não têm formação. Um dos museus mais importantes do Contestado, que tem o maior acervo, escrevi da Espanha que viria, escrevi daqui, nunca me responderam. Fui visitá-lo assim mesmo e quando cheguei dois jovens que trabalham lá me perguntaram: “Ah, você é o cara dos e-mails?”. Disse: “Sim, se vocês viram os e-mails por que não responderam?”. Eles disseram que não havia nenhum técnico que pudesse acompanhar minha visita e que eu voltasse dentro de um mês. Quem acabou me mostrando o museu foi a senhora que faz a limpeza, e nem foi para mim que ela mostrou, mas para uma família de brasileiros, um avô com sua netinha, e então eu fui acompanhando o que ela dizia para eles. Os dois funcionários continuavam sentados em suas mesas...

NAUI – São cargos de indicação política, apadrinhamentos.

Agustí – Os museus que eu mais valorizo são aqueles criados pelo cuidado e esforço das pessoas que acreditam neles e na sua importância. Tu sabes que para visitá-lo tens que te informar com uma determinada pessoa que mora ao lado, que tem a chave etc. Por isso, os ecomuseus me interessam muito porque as pessoas mesmas do território são capazes de conservar seu patrimônio. O que fazer com uma escola abandonada? Como exemplo bem-sucedido posso citar o Museu do Jagunço, em Taquaruçu, que fica a 25 quilômetros de Fraiburgo. Há uma senhora que explica tudo, há dois irmãos professores que nos atenderam lá, os De Lorenzi. Em Lages, em Curitiba, há outros bons exemplos. Mas os museus cuidados por funcionários públicos...

NAUI – Já vieste da Espanha com estas informações sobre o Contestado. Fizeste esta busca e depois houve esta coincidência do Carnaval e de a escola de samba homenagear o Contestado. Foste convidado a participar de um dos carros alegóricos, mas disseste que isso não te interessava por dois motivos: pela tua forma de ser, de não se expor publicamente, mas também porque querias ver este conjunto de fora. Estavas sumamente interessado para ver a escola, pela estética, as alegorias. De que forma achas que a escola expressou a trajetória histórica do Contestado?

Agustí – Tive problemas para poder ver o desfile e aqui voltamos aos funcionários. Três semanas antes do Carnaval, fui à Secretaria de Turismo e me disseram que não eram eles que organizavam o Carnaval. Que eu tinha que ir numa empresa ou poderia comprar os ingressos pela internet. Mas na internet pediam o CPF e eu sou turista e tentei explicar que não tenho CPF. Voltei à Secretaria de Turismo e me deram o número de telefone da empresa e então eu disse que era turista e queria comprar ingresso para o Carnaval para tal dia, porque estou fazendo uma pesquisa sobre o Contestado. Me disseram que poderia entrar só com o passaporte, mas isso demonstrou depois não ser verdade. Outro problema: o cartão de crédito tinha que ser de uma pessoa com conta corrente no Brasil. Então, falei com a direção da Liga das Escolas de Samba e, finalmente, consegui entrar para ver a exibição dos Protegidos.

Com relação às representações do Contestado no desfile, acredito que fica difícil, para alguém que não tenha tido contato nenhum com a questão, perceber componentes desta cultura. O samba-enredo dá a entender muitas coisas. Muita gente antes não conhecia o Contestado e, a partir daí, pode passar a se interessar pelo assunto. Os sambas-enredos dão a conhecer parte do patrimônio de Florianópolis e de Santa Catarina. A temática cultural é importante porque é como uma “exposição temporal” de museu. Podem ser entendidos assim os desfiles. É um momento efêmero. Tive uma posição privilegiada porque conversei com a autora da letra do samba, Martha Fernandez Gonzaga, com o carnavalesco Raphael Soares. Tirei fotos de cada uma das fantasias, me explicaram por que utilizaram aqueles símbolos em cada uma delas, que metáforas, que alegorias, que elementos simbólicos utilizaram em cada um dos personagens, como se inspiraram, a leitura de livros, os blogs da internet.

NAUI – A Ufsc desde o primeiro semestre de 2010 tem um curso de graduação em Museologia. Estamos entrando em nosso quinto semestre. Se tivesses que opinar, já que tua especialidade são os ecomuseus, como deveria ser a formação desse profissional museólogo para trabalhar em ecomuseus? Falaste agora que as escolas de samba poderiam ser enfocadas como exposições temporárias de museu. 🤖

Agustí – É outro dos problemas que tenho visto nos museus de Santa Catarina: a formação profissional e o fato de que em Santa Catarina só consideram como patrimônio o que está dentro das quatro paredes de um museu. A fonte de água santa no Contestado é um recurso patrimonial muito importante e as pessoas não percebem isso. Na rua, algumas pessoas sabem, mas no museu mesmo não se tem a idéia do território como um todo. As pessoas têm que cuidar de seu patrimônio na extensão de todo o seu território. O ecomuseu de Blumenau é um caso interessante: sua diretora é Valda de Oliveira Fagundes, ela é linguista, é professora universitária, o acervo é o que ela e seu marido conseguiram reunir. O museu fica na zona de amortecimento do Parque Natural Municipal Nascentes do Garcia e ela tem muito clara a idéia

de ecomuseu. O que acontece é que não tem apoio nem suporte institucional. Ela fez cursos sobre ecomuseus e sobre museologia, esteve havia pouco num curso que foi ministrado pelo Hugues de Varine-Bohan (Conselho Internacional de Museus e Museu do Douro). Ela comentou que há um conselho de museus em nível estadual, o Sistema Estadual de Museus, e que ela participa como representante dos ecomuseus e eles se reúnem com outros representantes de outras linhas para discutir, entre outras coisas, os ecomuseus. Ela não tem apoio institucional, de nenhuma maneira, está só, mas já conseguiu dinheiro para realizar uma série de estudos para estabelecer umas rotas turísticas com apoio de uma bióloga e olha que curioso: tinham oito câmaras para fotografar a fauna noturna e em poucos dias foram roubadas porque a zona é cheia de “mateiros”, pessoas que caçam ilegalmente, extraem palmito ilegal.

NAUI – Não visitaste o Museu do Lixo, em Florianópolis? O museu fica num aterro sanitário desativado, em frente ao cemitério do Itacorubi. É um museu caótico, com sujeira, um museu que vai se construindo com uma temporalidade sempre contínua, atual, que tem o território para repensar as coleções, não só o fato econômico, mas a estética. O reciclado tem a ver com o museu se reconstruindo e os circuitos que se estabelecem num território.

Agustí – Perguntei sobre o museu, mas ninguém sabia... Nem na Casa da Memória. As pessoas que trabalham nos museus têm que pensar no que podem fazer pelas pessoas das quais elas conservam um patrimônio, ainda que seja o lixo, o que recuperam. O ecomuseu também pode trazer desenvolvimento econômico.

NAUI – Como vê a internet e sua contribuição para a divulgação do trabalho de um museu, a conscientização sobre memória e patrimônio.

Agustí – É muito perigoso. Você acaba tendo surpresas muito desagradáveis se já não conheces o museu previamente. A internet produz ou reproduz informação fictícia. Não vês na realidade aquilo que você viu na internet. É positivo por um lado e danoso pelo outro.

NAUI – No Brasil, quando se decide que um bem, uma construção, por exemplo, deveria ser “tombada” por representar um patrimônio, as pessoas que são as proprietárias deste bem quase nunca concordam com isso e muitas vezes colocam o imóvel abaixo, provocam incêndios. Em São José, há poucos meses, demoliram duas casas previstas para serem tombadas. Também foi destruído um casarão que já tinha sido tombado. Esta questão é pacífica na Espanha?

Agustí – Lá também as pessoas não podem modificar, não podem consertar, as pessoas também não gostam. Se o edifício tiver que ser restaurado ele tem que seguir critérios técnicos e que ficam muito mais caros e há poucas subvenções, as pessoas se queixam. Mesmo caso se dá aqui, com o patrimônio natural. Estive numa casa em Lebon Régis e o proprietário da fazenda, aposentado, reclamava que uma nova lei o obriga a manter 20% de mata virgem, são 20% de uma propriedade que não se pode explorar. A proteção do patrimônio é uma problemática que ocorre no mundo todo.

NAUI – Como tu vês a relação do museu com o turismo? Muitas vezes as coleções são definidas de acordo com interesses políticos. 🌐

Agustí – É complicada a relação entre patrimônio e turismo. Muitas vezes se o museu só presta atenção no turismo significa que a população do território passaria a viver só do turismo. Por isso, muitas vezes as coleções são destituídas de pesquisa científica e são muito desinteressantes. Durante todo o tempo que estive visitando museus em Santa Catarina, não percebi neles nenhuma relação com o turismo. O único que vi percorrendo os museus era eu. Eu sou turista porque a definição de turista é todo aquele que se desloca de sua casa e pernoita fora, seja por motivos de trabalho, de ócio, o que seja. Eu não gosto de ser turista. E quando estava em Fraiburgo as pessoas me perguntavam: “Você visitou a mata virgem?”. Sempre a mesma pergunta. Daí num domingo fui visitar a mata virgem: cheguei lá e era uma caixa de madeira. “Cuidado, há cobras, se uma delas te picar tens que ir a São Paulo, ao Butantã? Num pôster, as espécies autóctones, o tucano. Te põem num Jeep adaptado e, assim como em Terragona, tem um parque, Portaventura,

semelhante ao Beto Carrero, e você pode dizer que esteve na África porque a missão do Jeep é percorrer todos os buracos possíveis, passamos por um lugar onde havia zebras, avestruzes, como na África. Araucária só vimos uma e paramos para fazer uma foto porque ela parece que tinha 300 anos. A caixa de madeira é uma invenção, uma mentira. Se o objetivo for o turista, tem-se que ter muito cuidado. Há muitos tipos de turistas. Os outros companheiros de Jeep eram de Chapecó, caçadores, estavam encantados. É estranho porque gostaria mais de ver a cultura local do que a África. No Contestado, teve um grupo que se denominava Grupo de Turismo de Guerra. Conversei com os professores. Seria ótimo se todos os museus se integrassem em uma rede, no Contestado, em Curitiba, em Londrina. Seria bom trabalhar em conjunto porque um têm uns recursos, os outros têm outros. Podemos compartilhar.

NAUI – Na Espanha tem algum modelo de ecomuseu? Existem possibilidades de intercâmbios na área de pós-graduação, intercâmbio acadêmico?

Agustí – Na Europa, de maneira geral, na França, onde nasceram os ecomuseus, terias que visitar vários e, num deles, tem uma coisa que dá certo. No outro, tem outra. Participação da população, desenvolvimento em função do museu etc. Se falamos na Catalunha, há um ecomuseu que para mim é muito bom no sentido de que a direção e as pessoas que trabalham nele participam, a população se envolve, o poder público. Sempre que falo com meus alunos digo que se querem ver um ecomuseu que vão ao [Ecomuseu de les Valls d'Àneu](#), na cordilheira que separa França de Espanha, nos Pirineus. Seu diretor, Jordi Abella i Pons, é uma pessoa magnífica que conhece muitos ecomuseus e que conseguiu conjugar diversos aspectos positivos. Com relação ao convênio com as universidades, na minha, o professor Angel Martínez Hernaez comenta que está tramitando um convênio entre as duas universidades, a Ufsc, representada pela professora Esther Jean Langdom, e a Universidad Rovira i Virgili, de Tarragona, Espanha. Umas ex-alunas pesquisadoras que estão em Porto Alegre e vieram para o Carnaval em Florianópolis fazem parte desde convênio e ficam até agosto. Quando alguém quer vir da Espanha por enquanto só podem ir a Porto Alegre. Nós temos uma

graduação em Antropologia e temos quatro mestrados, um em Antropologia Urbana, um em Antropologia Médica e Saúde Internacional, que são organizados pelo próprio departamento. Tem também um mestrado, no qual leciono, em migração e mediação social e outro em juventude e sociedade. As pessoas que fazem os mestrados podem submeter depois teses de doutorado, um em Antropologia e outro em Migrações e Mediações Sociais e outro doutorado em Intervenção Social que, basicamente, trabalha a juventude e questões de gênero. O que acontece é que estamos muito mal. Estamos em crise econômica, esta manhã falava pelo Skype com um colega e ele me disse que vai mudar muita coisa com a crise. Os créditos dos mestrados que são de 120 vão passar a 60. Houve cortes de professores, muita coisa vai mudar.

NAUI – Na Grécia, quem vai mandar vão ser os bancos. Não há mais governo.

Agustí – Estão todos alarmados. Nesses três meses, mudaram o governo e subiu ao poder a direita. Vão cortar tudo o que é social, universidades. Na Europa trocar de universidade é complicado, mas se torna cada vez mais habitual. Quando eu estudava havia a Universidade de Barcelona para toda a Catalunha e hoje há muitas universidades privadas, universidades virtuais. Estudei em Terragona, a 80 quilômetros de Barcelona, e meu diploma é da Universidade de Barcelona porque era uma extensão. Agora, há esta universidade em que trabalho que não tem nada que ver com Terragona e muitas privadas que pertencem ao clero, à Igreja. A Fundação Carolina também tem financiado visitas de até três meses ao Brasil. Ela tem convênios com diversas universidades e com professores de todo o mundo.

NAUI – Pensas em escrever sobre tua visita ao Brasil? Qual é o destino da pesquisa?

Agustí – Haverá um artigo sobre o Carnaval, outro sobre ecomuseus e um sobre o Contestado. Tem os museus, mas gostaria de escrever sobre as peças de teatro que falam no Contestado: livros, Semana do Contestado, Carnaval, entrevistas etc. Um folclorista de Irani chamado Vicente Telles me passou uma série de canções sobre o Contestado. É um fenômeno que está trabalhado de

vários pontos de vista: nas canções, no teatro, na literatura, nos romances.
Existe uma riqueza impressionante sobre o Contestado.